

**Data:** 03.04.2012

**Título:** Um capuz é só um capuz ou símbolo de injustiça?

**Pub:**



**Tipo:** Jornal Nacional Diário

**Secção:** Notícias

**Pág:** 1;20;21



Área: 1489cm² / 52%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 4069432



Data: 03.04.2012

Título: Um capuz é só um capuz ou símbolo de injustiça?

Pub:

Tipo: Jornal Nacional Diário

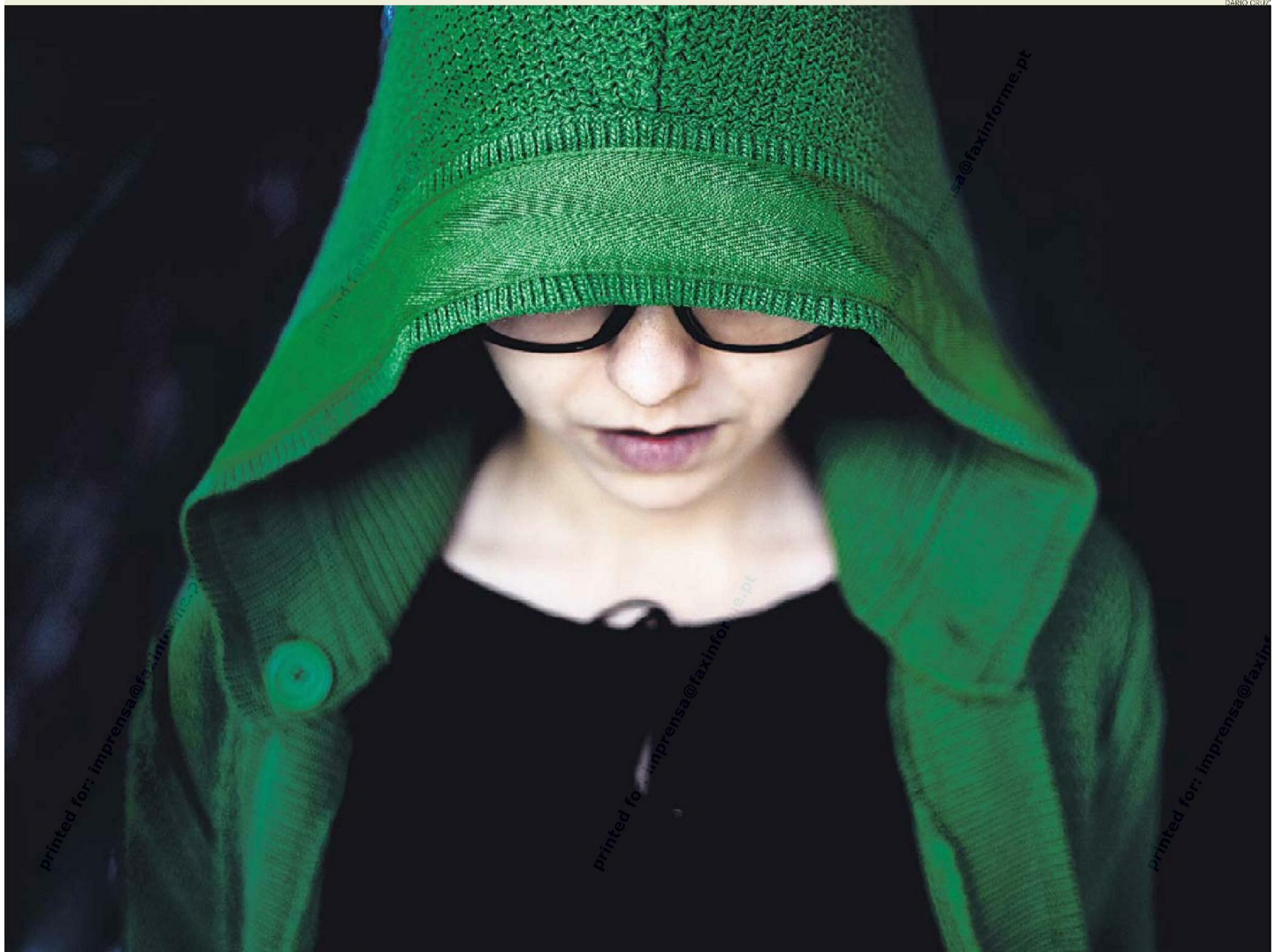
Secção: Notícias

Pág: 1;20;21

clipping  
consultores

# Um capuz é só um capuz ou símbolo de injustiça?

Muitos adolescentes usam capuzes porque os cantores de rap também usam. Outros usam-nos para ocultar crimes, como nos motins de Londres do ano passado. Por que é que um capuz se tornou mais do que um capuz desde que um adolescente afro-americano foi alvejado na Florida? O capuz enquanto símbolo



**O capuz é adereço universal que cruza idades e classes sociais**

## Natália Faria

De Nova Iorque a Paris, passando por Londres, anda literalmente meio mundo a questionar-se: um capuz é só um capuz ou um símbolo de terror urbano? A pergunta está longe de ser retórica. E espalhou-se como um rastilho de pólvora desde que, no dia 26 de Fevereiro, Trayvon Martin, um adolescente afro-americano de 17 anos, foi alvejado na Florida por um voluntário em missão de vigilância nocturna. Este alegou que o adolescente tinha um comportamento suspeito, nomeadamente pelo facto de se apresentar com a cabeça protegida por um capuz.

A polícia aceitou que o disparo foi em legítima defesa. Mas as imagens propagadas pelas televisões mostram que o patrulhador George Zimmerman, 28 anos, não apresentava sinais de ter sido agredido. Zimmerman tinha uma arma e tudo o que o adolescente morto levava sob a sua camisola com capuz era uma lata de chá gelado e um pacote de gomas. Nas manifestações de protesto que se seguiram - a última foi sábado, em Londres - milhares de pessoas envergaram camisolas com capuz e, somadas as questões raciais, a mensagem que deixaram foi: os capuzes não matam, as pessoas com armas sim. Dentro da mesma linha, o congressista democrata Bobby Rush apresentou-se na câmara baixa do Congresso envergando uma camisola com capuz. "O facto de alguém usar um capuz não o transforma num marginal", declarou, minutos antes de ter sido convidado a abandonar o local. Uns dias antes vários jogadores da NBA tinham-se apresentado em campo de cabeça escondida sob um capuz e a frase: "Nós Somos Trayvon Martin." Lembre-se já agora que nos motins de Londres de 2011 os adolescentes usavam capuzes, enquanto incendiavam carros e saqueavam lojas. A ponto de as autoridades britânicas terem equacionado a sua proibição. Argumento: a indumentária funcionava como forma de intimidação.

A pergunta que se impõe então é: quando é que o capuz deixou de ser

um capuz para se transformar num símbolo de injustiça ou de terror urbano, consoante a perspectiva? "O capuz é um indício", descodifica o sociólogo João Teixeira Lopes, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. "Integra um tipo de vestuário de rua muito ligado a certas formas de estar no espaço público urbano, obviamente associado a culturas juvenis informais. No caso dos EUA, estes grupos são compreendidos como marginais, devido ao facto de os jovens que os compõem, em particular sendo negros, concentrarem problemas de pobreza e insucesso escolar. Logo, o capuz surge transformado em ameaça e, num ambiente de paranoia securitária, o estigma associado ao capuz surge reforçado", adianta o também dirigente do BE.

Do lado de quem o usa, na perspectiva de Teixeira Lopes, o capuz "permite dizer que se pertence a uma dada cultura ou tribo urbanas e isso fornece identificação e um guião de conduta: é uma forma de ser aceite num grupo". Do lado de quem vê, a partir da classe média, por exemplo, permite "catalogar e engavetar a pessoa que o usa, o que alimenta uma certa ilusão de ordem social", observa. Ora, no caso em análise, ou seja, numa sociedade norte-americana pontuada por ambientes racistas e de tensão social, "as pessoas precisam ainda mais de sinais de identificação e de demarcação das fronteiras sociais". Dito de outro modo: "Perante o medo da cidade, da desordem e da desclassificação social - e as classes médias estão ultra-assustadas com a crise económica e social - cada indício é imediatamente percebido como ameaça."

### "Eu uso capuz"

Mas o que é verdade para este caso não é sentença universal. Afinal, um capuz é adereço universal. É prático, versátil. Os desportistas usam-no. As crianças usam-no. O executivo ou a dona de casa que saem para passear o cão ou para ir ao supermercado também. "Na sua génese, o capuz pode estar associado aos movimentos *rappers* e hip-hopistas do Bronx, ou seja, a figuras sociais estereotipadas

como membros de *gangs*, mas, sendo confortável e fácil de produzir, foi entretanto massificado pelas indústrias do pronto-a-vestir e tornou-se uma peça incaracterística", sustenta Vítor Sérgio Ferreira, investigador do Observatório Permanente da Juventude do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. Tal como a maioria das pessoas, o sociólogo usa capuz. "E não ando a assaltar lojas em condomínios privados."

Mas pode ou não haver ligação entre o uso deste adereço e uma certa disposição para a rebeldia? "Creio que o capuz, por causa da sua história, que o liga a grupos conotados com a delinquência e a criminalidade, é um recurso estilístico cuja gramática de recepção, ou seja, o modo como as pessoas que não o usam olham para ele, é estereotipada e negativa. Mas isso pode acontecer ao mesmo tempo que as gramáticas de produção, ou seja, os sentidos que são investidos no capuz por parte de quem os veste, são completamente distintos, ou seja, um miúdo pode pôr o capuz porque acha que fica cheio de estilo", responde Vítor Sérgio Ferreira.

### Corpo sob suspeita

Um capuz pode ser só um capuz, portanto. O que não invalida, porém, que possa ser mais do que isso. "Alguns jovens, para os quais o capuz é um adereço comum no quotidiano, podem dar-lhe uma adequação pragmática. Por exemplo, se querem fazer algo ilegal, põem o capuz para encobrir a identidade", continua Vítor Sérgio Ferreira. E, aqui sim, "o capuz transforma o jovem que o usa num corpo sob suspeita", acrescenta o sociólogo, para concluir: "É a situação social que define a mensagem que é atribuída ao corpo que usa o capuz."

Terá sido assim nos motins e pilhagens dos subúrbios de Londres, que alastraram depois para outras cidades inglesas em Agosto do ano passado, segundo José Machado Pais. "Alguns jovens delinquentes, quando participam em assaltos ou agem como perturbadores da ordem social, procuram, por razões óbvias, esconder a sua identidade. Os capuzes cumprem essa função,



camuflando parte da cabeça, ajudando a ocultar a sua identidade”, decifra o investigador coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Porque os capuzes, “além de ocultarem identidades, anunciam ou denunciam estilos de vida”, resulta compreensível que “haja quem olhe para pacíficos jovens de capuz como potenciais delinquentes”. “O estigma revela sobretudo o modo como o outro é olhado, percebido, categorizado, construído, estigmatizado.” Conscientes disso, “é também possível que alguns jovens assumam o estigma e o usem provocativamente, como símbolo de uma identidade rebelde ou tumultuosa”.

É nessa medida que o “capuz pode ser percebido como uma ameaça para alguns”, perspectiva Jean Martin Rabot, sociólogo e professor do curso de Sociologia da Universidade do Minho. “Um vigilante, confrontado com problemas no seu quotidiano e que está sob influência dos *media*, poderá ser levado a disparar com maior facilidade, porque já interiorizou o medo que lhe foi inculcado, sem que necessariamente a ameaça estivesse presente em quem envergou o capuz”, adianta.

Podia não ser assim, não fosse o medo tantas vezes transformado em arma de governação. “Uma das formas de governar é inculcando medo às pessoas. Portanto, os grupos de poder inventam ameaças, que muitas vezes são fictícias, para assentar o seu poder.” O resultado

desta estratégia, propagada pela comunicação social, reforça os estereótipos. O que pode, muito mais recorrentemente, redundar num dedo sobre um gatilho. Terá sido o que aconteceu ao vigilante. “Nessa medida, e só nessa medida, ele também é uma vítima”, diz Rabot.

Do homicídio da Florida para os motins de Londres, o mesmo sociólogo lembra, “não há maior ameaça para quem governa do que aquilo a que se chama ‘violência dionisíaca’, que emana da juventude”. É a esta luz que deve ser lido o facto de, aquando dos motins, as autoridades britânicas terem equacionado proibir o uso de capuzes. “Era uma forma, também simbólica, de tirar o potencial de ameaça aos jovens manifestantes.”

João Teixeira Lopes concorda e acrescenta que “as autoridades britânicas estavam, elas próprias, a reforçar o estigma, isto é, a fazer uma ligação em curto-circuito, entre o uso de certas vestimentas e a delinquência”. No fundo, as próprias autoridades estavam a conformar um símbolo - o capuz - como sinónimo de ameaça. “Isso ajuda as autoridades a criarem âncoras, mas, do ponto de vista social, é desastroso e de um simplismo atroz”, acusa. Porquê? “Porque se está a fazer um mapeamento do medo, em que se identificam os locais perigosos, os símbolos perigosos e as pessoas perigosas.” E, com a crise a agudizar as tensões sociais, “estes marcadores sociais vão tornar-se

cada vez mais fortes”. Ou seja, um capuz pode continuar a ser só um capuz por parte de quem o veste, mas muito menos por parte de quem o vê na cabeça de outros.

## “ Num ambiente de paranóia securitária, o estigma associado ao capuz surge reforçado

João Teixeira Lopes  
Sociólogo

## É também possível que alguns jovens assumam o estigma e usem o capuz provocativamente, como símbolo de uma identidade rebelde ou tumultuosa

”  
Vitor Sérgio Ferreira  
Investigador







Data: 03.04.2012

Título: Um capuz é só um capuz ou símbolo de injustiça?

Pub:

clipping  
consultores

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Notícias

Pág: 1;20;21



Manifestação na Union Square em Nova Iorque

Área: 1489cm² / 52%

FOTO Tiragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 4069432